

**APRESENTAÇÃO**  
**DOSSIÊ: LINGUÍSTICA TEXTUAL BRASILEIRA: UMA HOMENAGEM À PROFA.**  
**DRA. MÔNICA MAGALHÃES CAVALCANTE**

Ananias Agostinho da Silva(UFERSA)  
Mariza Angélica Paiva Brito (UNILAB/ FUNCAP/ CNPq)  
Vanda Maria Elias(UNIFESP)

O marco temporal da Linguística Textual no Brasil situa-se na década de 1980. Entre seus principais expoentes destacaram-se, de modo particularmente expressivo, Ingodore Koch (Unicamp) e Luiz Antônio Marcuschi (UFPE). Ambos publicaram, ainda nesse período, obras fundamentais para o desenvolvimento da área no país e, ao longo de mais de três décadas, foram responsáveis pela formação de novas gerações de linguistas do texto, cuja atuação foi decisiva para a consolidação da disciplina em diferentes universidades e grupos de pesquisa brasileiros.

À semelhança de seus mestres, alguns desses discípulos também se tornaram nomes de referência na área, com produção reconhecida nacional e internacionalmente. Um desses casos, sem dúvida, é o de Mônica Magalhães Cavalcante.

Sua incursão na Linguística Textual teve início em 1996, ao ingressar no curso de doutorado da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação de Luiz Antônio Marcuschi. Como ela própria recordou em sua última entrevista: “*Não poderia ter chegado à Linguística Textual por melhores mãos do que pelas de Luiz Antônio Marcuschi*” (Cavalcante, 2023, p. 168).

Desde a publicação de sua tese, em 2000, voltada à caracterização dos dêiticos discursivos em contextos de uso, Mônica Magalhães Cavalcante construiu, com rigor e sensibilidade, um sólido programa teórico-analítico em Linguística Textual, tornando-se uma das principais referências brasileiras na área.

Na última década (2015–2025), consolidou-se como a linguista do texto mais citada em pesquisas e trabalhos da área, tendo publicado inúmeros livros, coletâneas, capítulos e artigos em coautoria com sua companheira, Mariza Brito, e com os membros de seu grupo de pesquisa, o Protexto.

Sua atuação se estendeu ainda à participação em eventos nacionais e internacionais, com conferências, entrevistas, palestras e mesas-redondas. Sua obra também passou a ganhar projeção internacional, com publicações em língua estrangeira e cursos ministrados em universidades no exterior.

Em abril de 2024, Mônica Magalhães Cavalcante partiu de forma precoce, como uma folha que, ainda não madura, se desprende da árvore pelo sopro forte do outono. Sua ausência, como o vazio deixado no galho, não marcou o fim de seu legado, mas a transição para uma outra forma de permanência: os caminhos que abriu continuam a germinar no solo fértil que deixou, nutrindo novas gerações de estudiosos do texto. E, tal como o outono prepara a terra para renascer, sua obra permanece como seiva viva a alimentar a Linguística Textual brasileira por muitos outros ciclos.

Este dossier da **Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE)**, grupo do qual Mônica participava como sócia, é uma homenagem à professora, pesquisadora e linguista que foi Mônica Magalhães Cavalcante. Os dezessete artigos que o compõem testemunham não apenas a amplitude e a produtividade de sua obra, mas também a profundidade e o rigor de suas reflexões, que perdurarão como referência incontornável para as gerações futuras.

Cada contribuição reunida neste volume dialoga, a seu modo, com temas que foram caros à Mônica Magalhães Cavalcante. Um dos últimos temas de interesse de sua agenda de trabalho na LT foi a investigação da tecnodiscursividade, especialmente a partir dos termos

apresentados no dicionário da pesquisadora Marie-Anne Paveau, obra que Mônica teve a honra de prefaciar. Seu interesse se ancorava na tese central defendida por Paveau: de que os algoritmos devem ser integrados a qualquer análise textual e discursiva das interações mediadas digitalmente. Essa perspectiva que abarca os dispositivos tecnodiscursivos e os modos de circulação mediados por plataformas, passou a constituir uma das últimas frentes de atuação teórica de Mônica. Sua leitura da tecnodiscursividade, articulada ao quadro da Linguística Textual brasileira, reafirmava o compromisso com uma análise situada, sensível aos atravessamentos do social, do tecnolinguageiro e do político nos modos de textualização contemporâneos.

Nesta perspectiva, o primeiro artigo, “*A natureza digital do ChatGPT: estudo exploratório em homenagem a Mônica Magalhães Cavalcante*”, de autoria de **Roberto LeiserBaronas, Clemilton Lopes Pinheiro e Stelyo Rubens de Souza Nogueira**, homenageia Mônica Magalhães Cavalcante ao destacar seu papel crucial na recepção e expansão das ideias de Marie-Anne Paveau sobre o discurso digital. Além disso, os autores refletem sobre o potencial do ChatGPT como fenômeno linguageiro que deve ser tomado como objeto de estudo e situado coerentemente em quadros teóricos dos estudos da linguagem.

O segundo artigo, “*Argumentação e (im)polidez em comentários avaliativos acadêmicos: o uso da inteligência artificial no ajuste de sentidos*”, de **Evandro de Melo Catelão, Jessica Oliveira Fernandes e Ilaria Cennamo**, reflete sobre como o fenômeno da (im)polidez pode funcionar enquanto estratégia de argumentação que permite orientar um ponto de vista e tratar os sentidos do texto. Os autores analisam a emergência da (im)polidez nos comentários avaliativos acadêmicos como um mecanismo de ativação do ponto de vista crítico e patêmico, além da intensificação do grau de (im)polidez, utilizando como ferramenta um modelo de inteligência artificial generativa. Ao testarem um chatbot, os pesquisadores demonstram que as estratégias de (im)polidez operam como mecanismos enunciativos que orientam o ponto de vista por meio das versões produzidas a partir dos comandos (prompts) elaborados.

Ainda no eixo temático da argumentação e do gerenciamento de pontos de vista, encontramos um conjunto de artigos que reafirma uma das contribuições mais significativas de Mônica Magalhães Cavalcante para a Linguística Textual brasileira: a articulação entre estratégias de textualização e construção argumentativa.

O artigo de **Mariza Brito, Rafael Oliveira e Carlos André Ferreira**, intitulado “*O legado de Mônica Cavalcante: avanços e desafios na interface entre a linguística textual e a teoria da argumentação no discurso*”, discute como a noção de texto, entendida como unidade de sentido contextualizada e negociada, traz a argumentatividade como componente intrínseco, manifesto na orientação argumentativa de todo texto. Os autores defendem que, no campo da Linguística Textual, a argumentação deve ser compreendida como fenômeno discursivo-textual, em que o texto é o espaço privilegiado para a expressão de intenções argumentativas e negociações de sentidos.

A articulação entre referenciamento e ponto de vista, outro tema central para Cavalcante, é retomada no quarto artigo de **Bruno Nogueira, Suzana Cortez e Fábio Coelho**, “*Ponto de vista e referenciamento nas tirinhas da Laerte Coutinho*”. A partir de uma interface entre a teoria do ponto de vista de Alain Rabatel e a teoria da referenciamento de base sociocognitiva e interacional, os autores analisam como se constrói o ponto de vista em tirinhas da cartunista Laerte que tematizam a transição de gênero da personagem Hugo para Muriel. O estudo evidencia como os recursos de referenciamento ativam o gerenciamento enunciativo de pontos de vista, construindo sentidos afetivos e ideológicos nos textos multimodais.

Ainda alinhado à perspectiva teórica de Rabatel, o quinto artigo do dossier, “*O funcionamento argumentativo do ponto de vista em redações nota mil do Enem*”, de **Francisco Mailson de Lima Cavalcante e Ananias Agostinho da Silva**, parte do pressuposto defendido por Mônica Magalhães Cavalcante de que todo texto manifesta múltiplos pontos de vista, sendo o seu gerenciamento uma estratégia enunciativa para orientar a construção argumentativa. Os autores analisam como esse gerenciamento atua na constituição de textos persuasivos e bem

fundamentados, a partir de redações do Enem avaliadas com nota máxima, mostrando que a distribuição estratégica dos pontos de vista contribui para a eficácia argumentativa desses textos.

Ainda que tratando da argumentação de modo mais indireto, o sexto artigo do dossiê, “*Abordagem completa, tangenciamento ou fuga ao tema: relações entre a propriedade de centração e a competência 2 da redação do Enem*”, de **Kleiane Sá**, examina as inter-relações entre a noção de tópico discursivo e os critérios avaliativos da redação do Enem, com foco na competência 2, especialmente no que se refere à abordagem completa do tema, ao tangenciamento e à fuga temática. A autora explora os traços da propriedade de centração, juntamente com concernência e relevância, como responsáveis pela continuidade tópica e pela organização coerente dos textos dissertativo-argumentativos. Conclui que a centração pode ser tomada como ferramenta avaliativa eficaz para a delimitação de elementos temáticos e o desenvolvimento argumentativo de textos escolares.

Esses trabalhos sinalizam para um movimento decisivo no escopo da LT brasileira: a articulação com as teorias da argumentação, movimento para o qual o trabalho de Mônica Magalhães Cavalcante foi absolutamente crucial. Como explicou a própria linguista, a Linguística Textual pode se beneficiar amplamente dos conceitos das teorias da argumentação, especialmente das abordagens discursivas, uma vez que é no texto que a argumentação se evidencia e se concretiza (Cavalcante e Brito et al., 2022).

Alinhados a esses pressupostos, os próximos artigos aprofundam a relação entre texto, intertextualidade e argumentação, mostrando como diferentes gêneros e suportes ativam recursos linguístico-discursivos que constroem e orientam pontos de vista.

O sétimo artigo, de **Aline Moraes, Lucia Assis e Janete Santos**, intitulado “*A intertextualidade como recurso argumentativo no gênero notícia – o caso das enchentes do Rio Grande do Sul no ano de 2024*”, analisa o funcionamento da intertextualidade como estratégia argumentativa no gênero notícia, mostrando que as relações intertextuais são ativadas com propósitos comunicativos previamente definidos, marcados pela intencionalidade do locutor. As autoras evidenciam como esse recurso funciona para orientar a leitura e construir efeitos de sentido que reforçam determinados posicionamentos diante dos fatos.

Na sequência, o artigo “*Argumentação em memes: construção de pontos de vista e relações intertextuais na interação digital*”, de **Zacarias Oliveira Neri, Raíssa Martins Brito e Franklin Oliveira Silva**, articula as categorias de intertextualidade e ponto de vista para analisar a construção argumentativa em memes publicados por um perfil no Instagram. Os autores mostram que a intertextualidade pode ser mobilizada como estratégia de textualização argumentativa e que seu funcionamento exige dos leitores o reconhecimento de conhecimentos partilhados que fundamentam o engajamento interpretativo na esfera digital.

Em linha com o pressuposto de que todo texto é, em alguma medida, argumentativo, o nono artigo “*(Con)texto, interação e argumentatividade na mídia Instagram*”, de **Amanda Mikaelly Nobre de Souza, Emanuelle Kelly Alves de Souza e Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra** — analisa como os recursos tecnolinguageiros atuam na construção da argumentatividade de postagens digitais. As autoras mostram que os modos de argumentar se organizam por atravessamentos entre modalidades polêmica e patêmica, evidenciando estratégias que buscam aproximar o interlocutor e influenciá-lo tanto cognitivamente quanto afetivamente diante do que se diz.

Também tomando o Instagram como espaço de produção textual e enunciação argumentativa, o décimoartigo, “*A mobilização intertextual na modalidade argumentativa pedagógica em postagens do perfil @defensoriama no Instagram*”, de **Ozeias Evangelista de Oliveira Junior, Noemy Prazeres Sousa e Maria da Graça dos Santos Faria**, investiga os modos de mobilização da intertextualidade em textos marcados por uma modalidade argumentativa pedagógica. Os autores concluem que, nas postagens analisadas, a intertextualidade opera como estratégia de (re)orientação da visão do interlocutor, sendo gerenciada pelo locutor com o intuito de provocar

deslocamentos de perspectiva, em um ambiente discursivo moldado pelo ethos institucional da Defensoria Pública.

Como vemos, a intertextualidade foi outra categoria central na Linguística Textual brasileira, e para a qual a obra de Mônica Magalhães Cavalcante contribuiu substancialmente para a sua consolidação. O livro *Intertextualidade: diálogos possíveis*, de 2007, não apenas situou a categoria no âmbito dos estudos do texto, alargando a noção de parâmetro de textualidade, como sedimentou os avanços posteriores, como a construção de propostas classificatórias de diferentes tipos de relações intertextuais possíveis.

Assim, **odécimo primeiro** artigo do dossiê, “*Modelos analíticos para processos intertextuais – panorama, convergências e balanço crítico*”, de Kennedy Cabral Nobre e Ana Paula Lima de Carvalho, sintetiza dois quadros teóricos resultantes de pesquisas conduzidas sob a orientação de Mônica Magalhães Cavalcante, que redimensionaram a compreensão do fenômeno intertextual partindo da divisão amplo x estrito.

Outra categoria-chave da Linguística Textual, e para a qual Mônica Magalhães Cavalcante ofereceu uma contribuição inestimável, é a **referenciação**. Suas obras *Referenciação* (2003) e *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas* (2011), esta última, conforme a própria autora relatava com emoção, sua primeira contribuição autoral aos estudos do texto, tornaram-se referências obrigatórias na pesquisa e no ensino sobre o tema.

No artigo, “*A referenciação por Cavalcante: sobre coisas ditas e a dizer*”, **Mayara Martins, Maiara Soares e Eduardo Almeida** explicam como a noção de referenciação foi apropriada e redimensionada no escopo da Linguística Textual, sendo tratada, a partir de Cavalcante, como uma categoria “guarda-chuva”, por se articular diretamente com os demais critérios analíticos do texto.

Na mesma direção, o décimo segundo artigo “*Referenciação e texto*”, de **Alena Ciulla**, apresenta uma reorganização do quadro classificatório dos processos referenciais, bem como das funções atribuídas aos processos dêiticos e anafóricos, conforme propostos inicialmente por Mônica Magalhães Cavalcante. Partindo da observação dos processos referenciais em uso, a autora recupera o fio condutor do pensamento da Mônica, que sempre defendeu que é exclusivamente no funcionamento da língua em uso que a referenciação se atualiza e se manifesta como constitutiva do texto.

Os artigos seguintes ampliam esse legado ao aplicarem a proposta de Cavalcante a objetos digitais contemporâneos. No artigo, “*A construção referencial no videoclipe ‘Dona de mim’ de Iza e a interatividade no YouTube: uma reflexão para o ensino de produção textual*”, **Isabel Muniz-Lima e Higor Barbosa Rodrigues** investigam como se constrói o referente “Dona de mim” no videoclipe homônimo da cantora Iza, articulando essa construção aos níveis de interatividade da plataforma e aos aspectos tecnolinguageiros envolvidos nos processos de retomada e recategorização do objeto de discurso.

Seguindo abordagem semelhante, o décimoquarto artigo, “*A construção dos referentes em vídeos de beleza feminina no YouTube*”, de **Paula Heloisa Soares Peregrino, Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá e Liziane Yonara Nascimento Barboza**, analisa os processos referenciais em vídeos produzidos por influenciadoras digitais. As autoras mostram como a referenciação contribui não apenas para a coerência e estruturação textual, mas também revela traços da intencionalidade comunicativa das locutoras, marcando a enunciação com estratégias identitárias e persuasivas.

Fechando este conjunto de trabalhos dedicados à referenciação, o décimo sexto artigo do dossiê, “*Identificando anáforas encapsuladoras: comparação entre análise automatizada e humana*”, de **Osmar de Oliveira Braz Junior, Roberlei Alves Bertucci e Renato Fileto**, propõe uma reflexão sobre o uso de grandes modelos de linguagem na identificação e categorização de encapsulamentos descritivos e opinativos em redações. Os autores demonstram que inteligências

artificiais generativas podem contribuir para a análise textual ao operar em diálogo com os métodos humanos, evidenciando o potencial dessa combinação para detectar padrões linguísticos complexos, como as anáforas encapsuladoras, categoria aprofundada na obra de Mônica Magalhães Cavalcante.

Por fim, o décimo sétimo e último artigo do dossiê, “*Análise sociorretórica da seção de introdução de dissertações: um estudo de caso no mestrado profissional em educação*”, de **Lenilton Damião da Silva Junior e Benedito Bezerra**, investiga a configuração retórica da introdução de dissertações produzidas em um mestrado profissional em Educação. Os autores analisam os movimentos e passos retóricos que compõem essa seção do gênero acadêmico, refletindo sobre sua função na realização da ação social mediada pelo gênero. Concluem que o modo como tais estratégias são agenciadas na superfície textual é decisivo para a construção dos propósitos comunicativos e da eficácia do texto acadêmico, reafirmando a importância de uma abordagem analítica atenta à organização composicional e à intencionalidade do texto.

Este dossiê da **Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE)** reúne um conjunto expressivo e plural de contribuições que, direta ou indiretamente, dialogam com o legado teórico, metodológico e ético de Mônica Magalhães Cavalcante. Os artigos aqui reunidos reafirmam a vitalidade da Linguística Textual brasileira, consolidada por Mônica ao longo de mais de duas décadas de atuação intelectual comprometida com a escuta do texto, com o rigor analítico e com a generosidade do pensamento coletivo.

Mais do que uma homenagem, este volume é uma continuidade viva de sua obra: um gesto de presença, de memória e de movimento. Como ela mesma ensinou, o texto é sempre lugar de negociação, de afeto e de escuta, e é por meio dele que seguimos tecendo, juntos, os fios da Linguística Textual que ela tanto ajudou a construir.